



Giovanna Adriana Tavares Gomes
(Organizadora)



TURISMO, SUSTENTABILIDADE E HOSPITALIDADE 2

Giovanna Adriana Tavares Gomes
(Organizadora)

Turismo, Sustentabilidade e Hospitalidade 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T938	Turismo, sustentabilidade e hospitalidade 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Giovanna Adriana Tavares Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Turismo, Sustentabilidade e Hospitalidade; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-573-0 DOI 10.22533/at.ed.730190209 1. Ecoturismo. 2. Desenvolvimento sustentável. 3. Turismo – Brasil. I. Gomes, Giovanna Adriana Tavares. II. Série. CDD 338.4791
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Trata temas extremamente pertinentes e de acordo com a evolução e inovação da atividade profissional do turismo. Não temos como desassociar o turismo da sustentabilidade e hospitalidade, sobretudo pelos temas tratados nesses artigos nos quais foram pesquisados assuntos diversificados e extremamente relevantes para o desenvolvimento do turismo como : comportamento do consumidor, diversidade (LGBT), desenvolvimento de produtos turísticos sustentáveis, gestão de eventos, cultura, religiosidade, hospitalidade, encontrabilidade, turismo rural e de base comunitária entre outros.

A sociedade vem assumindo um papel mais empoderado, reflexivo, crítico e automaticamente mais participativo no que se refere às políticas e discursos, sendo assim se faz necessário afirmar e reafirmar o papel de agente social do profissional do turismo. O discurso das comunidades elucida com mais assertividade as dificuldades e os rumos que a gestão do turismo deve tomar.

Os indicadores sustentabilidade e hospitalidade norteiam a gestão de um turismo mais responsável baseando-se em princípios de justiça social e econômica, com absoluto respeito ao ambiente e às culturas onde as comunidades autóctones assumem seu papel de liderança no processo de gestão do seu local tornando ele mais acessível e hospitaleiro.

Giovanna Adriana Tavares Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PROMOÇÃO DO TURISMO LGBT NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: O CONSUMO E A UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA CIDADE	
Flavio Andrew do Nascimento Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7301902091	
CAPÍTULO 2	10
ACESSIBILIDADE UNIVERSAL COMO FERRAMENTA E PRÁTICA DE HOSPITALIDADE	
Bianca dos Santos Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.7301902092	
CAPÍTULO 3	19
ANÁLISE TEMPORAL DO DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL DO EVENTO ESPRAIADO DE PORTAS ABERTAS NOS ANOS DE 2008 E 2016 NO MUNICÍPIO DE MARICÁ, RJ	
Tatiana Macedo da Costa	
Sergio Domingos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7301902093	
CAPÍTULO 4	34
MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL E A PROMOÇÃO DE VALORES OLÍMPICOS	
William Cleber Domingues Silva	
Renata Mendes de Freitas	
Miguel Bahl	
DOI 10.22533/at.ed.7301902094	
CAPÍTULO 5	43
O CONCEITO DE ENCONTRABILIDADE TURÍSTICA APLICADO AO DESTINO DE FOZ DO IGUAÇU, PARANÁ, BRASIL	
Christopher Smith Bignardi Neves	
Isabele de Souza Carvalho	
Erika de Souza Castro	
Dirson Teixeira Junior	
Valéria Faias	
Ewerton Lemos Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.7301902095	
CAPÍTULO 6	58
O ECOTURISMO PELO PROJETO CORAL VIVO EM PORTO SEGURO, BAHIA: UM ESTUDO DE CASO	
Fernando da Cruz Lima	
Wilson Alves Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7301902096	
CAPÍTULO 7	70
TURISMO CULTURAL NA COSTA DO DESCOBRIMENTO: ASPECTOS DISCURSIVOS	
Maiara Conceição Castro	
DOI 10.22533/at.ed.7301902097	

CAPÍTULO 8	82
TURISMO E ALBERGUES NAS FAVELAS CARIOCAS: NOVAS POSSIBILIDADES URBANAS	
Sergio Moraes Rego Fagerlande	
DOI 10.22533/at.ed.7301902098	
CAPÍTULO 9	97
TURISMO E O CANDOMBLÉ NA CIDADE DE SALVADOR	
Stella Matera Matias	
DOI 10.22533/at.ed.7301902099	
CAPÍTULO 10	110
TURISMO: FENÔMENO SOCIAL DE MÚLTIPLOS IMPACTOS	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.73019020910	
SOBRE A ORGANIZDORA	123
ÍNDICE REMISSIVO	124

ACESSIBILIDADE UNIVERSAL COMO FERRAMENTA E PRÁTICA DE HOSPITALIDADE

Bianca dos Santos Magalhães

Programa de Pós Graduação em
Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas,
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Seropédica, Rio de Janeiro.

RESUMO: Ao considerar a acessibilidade universal como a promoção do acesso físico e o desenvolvimento da logística de acesso aos locais a pessoas com mobilidade reduzida, pretende-se aplicar esta prática na atividade turística, onde o indivíduo com deficiência motora que estiver viajando precisa se deslocar para fins de visitação. Esta atenção voltada para a pessoa com deficiência motora e suas necessidades, de forma implícita, é um indicativo de hospitalidade do destino, cujo elemento pode representar uma vantagem frente aos demais destinos onde a estruturação e adaptação é falha. Baseado nisso, pretende-se discorrer de que forma a estruturação dos destinos para pessoas com deficiência motora representam uma prática de hospitalidade e quais as vantagens desta prática, além da conceituação básica de bem receber e acolhimento conhecidas nas leituras acadêmicas de turismo.

PALAVRAS-CHAVE: acessibilidade universal; turismo; hospitalidade

UNIVERSAL ACCESSIBILITY AS A TOOL AND PRACTICE OF HOSPITALITY

ABSTRACT: When we consider universal accessibility as the way to promote the physical access and the development of access logistics to disability or low mobility people, it is intended to apply this practice in tourism, where the person with disability who is traveling needs to move for purposes of visitation. The attention to the person with disability and their needs, implicitly, is indicative of the hospitality of the destination, whose element may represent an advantage over other destinations where structuring and adaptation is flawed. Based on this, it is intended to describe how the structuring of destinations for people with disabilities represents a practice of hospitality and what are the advantages of this practice beyond the basic conception of 'well-being' and 'reception' known in the academic readings of tourism.

KEYWORDS: universal accessibility; tourism; hospitality

1 | INTRODUÇÃO

A hospitalidade ocorre pela prática de bem receber e esta prática, normalmente é relacionada ao atendimento ao público. No entanto, é importante atentar-se ao contexto da

prática: a atividade turística e seu poder socializante. Através da atividade turística o ser humano tem a oportunidade de conviver com outras realidades além da própria e, com isto, ele interage com o local onde está. Dias ratifica esta interação e este efeito causado pela atividade turística, conforme pode ser lido nas linhas seguintes.

Essa intensificação das interações sociais provocadas pelo turismo, quando multiplicadas pelas possibilidades que apresenta e as dimensões que assume hoje em dia, faz com que o turismo se torne um dos principais agentes de mudança do mundo atual. E esta característica, que ainda é pouco compreendida dessa atividade, é o que torna um objeto de estudo fundamental para as Ciências Sociais de hoje. (DIAS, 2002, p. 119).

A mudança física e a adaptação de um local, quanto motivadas pela atividade turística, indicam uma preocupação com a hospitalidade, pois estas mudanças implicam numa logística que objetivam o bem receber, de forma que o turista se sinta bem no destino que ele escolheu. Baseado nisso, a inclusão também se refere aos indivíduos cuja limitação física os restringe a não viajarem, por exemplo, as pessoas com deficiência motora ou mobilidade reduzida. Este é o objeto de análise desta abordagem que se dedica a mostrar a importância da acessibilidade universal no exercício da hospitalidade sob uma perspectiva que vai além do bom recebimento ou de manuais orientadores de conduta que auxiliam os prestadores de serviços turísticos a desenvolverem um trabalho cordial direcionado ao público-alvo pessoas com deficiência.

Acessibilidade é, tão somente, propiciar o acesso de alguém a algum lugar. E a acessibilidade universal, de forma mais específica, prima pela adaptação das estruturas na arquitetura local, de forma que a pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida tenha seu acesso facilitado a um prédio ou uma via sem barreiras arquitetônicas que impeçam ou dificultem sua locomoção. E em atividades como o turismo, onde as pessoas estão em constante movimento, convém analisar este conceito de forma prática.

Quando a acessibilidade universal é aplicada no contexto turístico, as discussões a respeito do público-alvo que utiliza os equipamentos e usufrui dos locais acessíveis merece destaque pela hospitalidade. Apesar de o Ministério do Turismo ter cartilhas que orientem os prestadores de serviço na forma como tratar a pessoa com deficiência, a questão está além do trato pessoal orientado nestes materiais. A questão está no ato de corresponder às expectativas da pessoa com deficiência de forma que ela perceba que o local também pertence a ela e está acessível a ela.

Pretende-se despertar a atenção para a acessibilidade universal como ferramenta na prática da hospitalidade. Esta prática se refere ao bom recebimento do turista com deficiência de forma não-verbal, ou seja, a preocupação em estruturar o ambiente de forma a diminuir ou eliminar barreiras que permitem que o indivíduo com mobilidade reduzida se locomova sem dificuldades, pois compreende-se que este cuidado faz parte de uma premissa de inclusão no intuito de adequarem-se às diferenças.

É a sociedade que precisa, por meio de suas diferentes instituições e instâncias, adequar-se às diferenças singulares dos sujeitos que a compõem. Uma sociedade só poderá se desenvolver democraticamente e propiciar o espaço de humanidade para seus cidadãos quando estiver capacitada a atender às diferentes necessidades e peculiaridades dos seres sociais que vivem suas vidas cotidianamente em seu contexto (FERNANDES, (2013, p. 287).

Esta abordagem se baseia no conceito básico de hospitalidade à luz do turismo. Para entender melhor, o conceito será discorrido nas linhas seguintes.

2 | CONCEITO DE HOSPITALIDADE E SUAS PRÁTICAS

A hospitalidade é um ato que, historicamente encontra suas bases nas sociedades pré-cristãs que desenvolveram sua cultura através do acolhimento. Um registro a respeito da importância da hospitalidade pode ser verificado na Bíblia, quando o profeta Moisés, numa ordem dada por Deus, instrui o povo de Israel através de leis conhecidas como “leis mosaicas” e uma destas leis trata da hospitalidade ao estrangeiro:

“Quando um estrangeiro viver na terra de vocês, não o maltratem. O estrangeiro residente que viver com vocês será tratado como o natural da terra. Amem-no como a si mesmos, pois vocês foram estrangeiros no Egito. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês. (Bíblia Sagrada, Levítico 19:33,34)

Desde então o ato da hospitalidade é considerado um dever divino de acolher quem vem de fora. No entanto, quando a hospitalidade é abordada à luz da atividade turística, o caráter comercial permite que haja um “refinamento” da hospitalidade de maneira que o bom atendimento se enquadre em padrões sociais que visam o bom acolhimento.

O fenômeno da hospitalidade virou objeto de estudo das disciplinas acadêmicas dos cursos de turismo e hotelaria pelo caráter flexível da atividade, pois a hospitalidade também pode envolver a relação entre o hospedeiro e o hospedado, de forma que os serviços oferecidos pelo hospedeiro combinados a um bom atendimento fazem parte dessa gama de hospitalidade.

Dessa forma, podemos entender a hospitalidade em turismo como um conjunto de práticas laborais que visam o bom recebimento do turista, de forma que ele se sinta acolhido, satisfeito e integrado ao local. Portanto, embora o turismo represente uma atividade econômica de troca e prestação de serviços, o turismo também pode ser o cenário e o espaço de exercício de sociabilidade e agregação expressos através de ações de hospitalidade. (BEZERRA, 2012, p. 343)

3 | IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE TURÍSTICA PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

A partir deste entendimento sobre hospitalidade, somos capazes de pensar

no público-alvo que se dedica o exercício da hospitalidade: os turistas; de forma específica, os turistas com deficiência motora e mobilidade reduzida. O hábito de viajar representa a estes turistas uma oportunidade de libertação dos hábitos diários que o aprisionam por sua condição. Para estes turistas, a importância da atividade turística também está no efeito socializante da atividade, que possui o poder de integrar a pessoa com deficiência ao convívio com os demais turistas que não possuam essa condição limitante.

A importância do turismo para a pessoa com deficiência também está na promoção do bem estar em viagens de lazer. Entende-se a importância do lazer para a pessoa com deficiência como uma forma de adquirir um bem não tangível cujo resultado é o bem estar do indivíduo através de atividades que o mesmo não costuma desenvolver diariamente, por exemplo: ir a praia, caminhar, passear por lugares históricos, desfrutar da gastronomia local, etc.

Contudo é possível buscar o lazer através do turismo. Mas é importante pensar na forma como os serviços são oferecidos à pessoa com deficiência para que o mesmo se sinta acolhido e, finalmente a hospitalidade seja uma característica deste local, sendo a prática relevante e real. E para isso é importante planejar e investir. O investimento estético – de qualquer natureza – em ruas, as praças, os monumentos e a sua infra-estrutura de recepção e circulação, é uma manifestação regida pelo sistema da dádiva. A cidade se faz mais bonita e exibe sua beleza como dádiva aos que nela moram e aos que a visitam. Hospitalidade é um processo que envolve pessoas e espaços. A cidade se torna um espaço hospitaleiro para o ver-e-ser-visto das pessoas. Mas, desde que a hospedagem e alimentação de hotéis e restaurante impôs-se à das casas e ganhou foro de distinção maior, a hospitalidade comercial destaca-se como merecedora de uma análise à parte (DE LIMA CAMARGO, 2008, p. 22).

A análise que se propõe a respeito da hospitalidade trata dos problemas encontrados em cidades turísticas e como estas cidades podem desenvolver a hospitalidade através da acessibilidade.

4 | PROBLEMAS DO DESENVOLVIMENTO DA ACESSIBILIDADE NOS DESTINOS TURÍSTICOS

Pessoas com deficiência motora ou mobilidade reduzida necessitam de suporte para viajar. No entanto é comum encontrar barreiras que limitam o turista com deficiência a viajar e, neste caso, o desenvolvimento da acessibilidade universal é limitado, pois pode ocorrer em alguns espaços e outros não. A algumas barreiras estão vinculadas diretamente ao espaço físico, outras à interação do indivíduo com seu entorno social, outras ainda aludem à dificuldade de captação das mensagens, sejam sonoras ou visuais, ao uso dos meios técnicos, à falta de conhecimento, etc. Desse modo, pode-se dizer que quando existem barreiras e estas causam limitações

se produz algum tipo de exclusão (GARCIA, 2008, p. 65)

As barreiras mencionadas podem ser vistas em destinos historicamente preservados. Como exemplo, a cidade de Paraty, situada ao litoral sul do estado do Rio de Janeiro, consiste numa cidade turística conhecida pela preservação das vias e casarios que compõem o seu centro histórico que remonta os tempos do Brasil colônia. Abaixo, a imagem de um turista com mobilidade reduzida nas ruas do centro histórico de Paraty.



Figura 01 – turista com mobilidade reduzida nas ruas de Paraty/RJ.

Fonte: arquivo pessoal

A formação das ruas preservadas do centro histórico limita o turista com deficiência motora e mobilidade reduzida a caminharem pelas pedras dispostas de forma irregular e isto é um problema para a pessoa com deficiência. Paraty é apenas um exemplo conflitante em relação a acessibilidade universal em destinos brasileiros cujo centro histórico apresenta vias de pedras que contam a história local.

Demais problemas se referem a falta de sinalização para a pessoa com deficiência ou equipamentos que a auxiliem: pisos táteis para cegos, rampas (móveis ou de concreto) para cadeirantes, vias não asfaltadas, etc.

Outro problema que impede o desenvolvimento da acessibilidade universal nos destinos turísticos, muitas vezes, está na gestão dos destinos que, simplesmente ignoram a demanda de turistas com deficiência e, fazendo isso, não agem com a devida hospitalidade, pois deixam de acolher um público potencial. Tanto o poder público quanto o poder privado têm suas falhas em relação a forma como lidam com a pessoa com deficiência. O lugar do turista com deficiência é em contato com os demais turistas. Mendes ressalta a importância da inclusão e da garantia da acessibilidade nos destinos:

Conciliando os pressupostos da inclusão social e do turismo, não se deve separar as pessoas com deficiência dos outros turistas durante o exercício da atividade. Para o turismo representar uma parte do desenvolvimento e bem-estar integral das pessoas com deficiência, ele precisa ser realizado no mesmo espaço em que convivem as pessoas sem deficiência.

Se o espaço é o mesmo, temos que garantir a acessibilidade. Ao fornecê-la, aumentar-se-ão as possibilidades de convívio entre os diversos segmentos da sociedade e as pessoas com deficiência, resultando em uma maior interação e, conseqüentemente, em uma situação de hospitalidade (MENDES, 2008, p. 330).

Neste contexto, pensar o desenvolvimento da acessibilidade universal nos destinos contribui para uma política de inclusão e hospitalidade, pois a prática da hospitalidade também está na preocupação com a gestão dos destinos.

5 | ACESSIBILIDADE UNIVERSAL: FERRAMENTA PRÁTICA NO EXERCÍCIO DA HOSPITALIDADE

Planejar a adaptação dos locais para a pessoa com deficiência está além de uma prerrogativa legal na Lei nº 13146, de 06 de julho de 2015, que trata dos direitos, das prerrogativas e asseguramento da condição de igualdade e de uma prática inclusiva. Este planejamento também é uma forma não verbal de demonstrar que o local está bem preparado para receber e acolher os turistas com deficiência, pois quando o turista se vê incluído, o local, de forma velada, transmite a ideia de importância e empatia a causa da pessoa com deficiência. A cordialidade com a pessoa com deficiência está além das palavras e do trato pessoal. Ela está presente na criação e desenvolvimento de estruturas que propiciem o deslocamento da pessoa com deficiência sem barreiras que o impeça. Esta locomoção iguala este turista às demais pessoas que se locomovem normalmente e permite que o mesmo perceba o local e dele obtenha experiências positivas.

Vale ressaltar que a responsabilidade pela inclusão se estende à sociedade em

geral. Mendes afirma que a inclusão social é tema presente nas mais diversas esferas da sociedade, na qual é discutido o papel de cada um nos processos que possam levar a uma maior integração do indivíduo com deficiência nas atividades, quer sejam de lazer, econômicas ou sociais. Ao mesmo tempo se considera toda a sociedade responsável pela adaptação e preparação para receber todo e qualquer indivíduo, seja na questão arquitetônica, atitudinal ou comunicacional (MENDES, 2008, p. 330).

Como exemplo de acessibilidade universal como ferramenta de hospitalidade, numa entrevista para estudo de caso, ocorrido também em Paraty/RJ, o dono do alambique Engenho D'Ouro, senhor Norival Penha, admite ter desenvolvido seu empreendimento pensando na mobilidade da pessoa com deficiência, além de ter entre seus funcionários, uma pessoa com mobilidade reduzida, responsável pelo monitoramento da visita guiada ao estabelecimento.



Figura 02 – funcionário com mobilidade reduzida do Alambique Engenho D'Ouro no exercício do desenvolvimento de visitas guiadas no local.

Fonte: arquivo pessoal

Em entrevista, Norival Penha afirma que:

Isso [a acessibilidade] é muito importante para as pessoas que nos visitam, né, e as pessoas que percebem isto também. A gente não fala, mas deixa a pessoa perceber, não é isso? Aqueles que percebem um pouquinho mais, sabem que a gente pensou nisso tudo. (PENHA, 2018)

A percepção da estrutura de acessibilidade universal e a inclusão do funcionário do alambique são um exemplo de como a acessibilidade universal é aplicada na hospitalidade em turismo de forma que o turista se sente acolhido por perceber que o local está estruturado para ele. Logo, a inclusão aliada ao bom trato e a criação de estruturas acessíveis são ferramentas práticas no exercício da hospitalidade, importantes pela inserção de um público-alvo potencial, além da aproximação de pessoas num mundo inclusivo e globalizado e de um dever do Estado que assegura as leis e direitos da pessoa com deficiência.

CONCLUSÃO

A inclusão da pessoa com deficiência é um legado a ser deixado às futuras gerações. No entanto o legado não é imediato. Este legado representa um risco, pois pode ser bem-sucedido ou não. Depende do plano vigente e dos projetos frutos deste plano, podendo ser estes projetos regionais ou nacionais.

Afirma-se que o Brasil é um país hospitaleiro no trato ao turista que se sente acolhido nos destinos. Porém a proposta de hospitalidade abordada traz uma reflexão além do bom trato: está no desenvolvimento de estruturas que diminuam as barreiras arquitetônicas para que a pessoa com deficiência possa se locomover. Vale também observar a eficiência dos prestadores de serviços turísticos e o quanto estes estão preparados para lidar com a demanda de pessoas com deficiência.

Contudo o caminho para o desenvolvimento da acessibilidade universal está em pensar um planejamento integrado que que considere a gestão do território para que haja uma prática eficiente e isso se reflita em destinos preparados e hospitaleiros.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Sandra Regina Zúniga de Souza. **Apontamentos sobre hospitalidade, turismo e modernidade**. Revista Cesumar–Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, v. 12, n. 2, p. 335-345, 2007.

BÍBLIA SAGRADA. Nova versão internacional. São Paulo: Vida. 2000.

DE LIMA CAMARGO, Luiz Octávio. **A pesquisa em hospitalidade**. Revista Hospitalidade, v. 5, n. 2, p. 15-51, 2008.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

FERNANDES, Idília; LIPPO, Humberto. **Política de acessibilidade universal na sociedade contemporânea**. Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 12, n. 2, 2013.

GARCIA, Carla Cristina. **Sociologia da acessibilidade**. Curitiba: IESDE BRASIL S. A, 2008.

MENDES, Bruna C.; DE PAULA, Nilma Morcerf. **A hospitalidade, o turismo e a inclusão social para cadeirantes**. Revista Turismo em Análise, v. 19, n. 2, p. 329-343, 2008.

PENHA, Norival. **Entrevista no Alambique Engenho D'Ouro [outubro, 2018]**. Entrevista concedida a Bianca dos Santos Magalhães.

SOBRE A ORGANIZADORA

GIOVANNA ADRIANA TAVARES GOMES Doutoranda em Performances Culturais pela UFG, Mestrado Acadêmico na área das Ciências Sociais Aplicadas em Turismo e Hotelaria pela UNIVALI – SC/2010. Foco: Planejamento Participativo e desenvolvimento de base local, Especialista em Gestão em Turismo e Hotelaria pela Faculdade Lions - GO (2005), Bacharel em Turismo pela Faculdade Cambury - GO (2003), MBA Executivo em Coaching (2018) na Faculdade Cândido Mendes. Cursando atualmente: Especialização em Administração do Setor Público, Especialização em Administração em Marketing de Serviços e Social e MBA em Gestão de Projetos - Faculdade Favoni - ES. Atua na área de Pesquisa aplicada em diversas áreas do mercado: Turismo, hotelaria, eventos, pesquisa censitária, gestão comercial e de negócios, sendo atualmente Professora Universitária na Faculdade Cambury nos cursos de Eventos e Gestão Comercial, Coordenadora Geral do evento institucional Circulo do Conhecimento desde 2015. Membro da ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo. É servidora pública do Estado de Goiás na Área Técnica de pesquisa Turística na Agência Estadual de Turismo - GOIAS TURISMO - Coordenadora do OBSERVATÓRIO DO TURISMO DO ESTADO DE GOIAS e Presidente da ABBTUR - GO Seccional Goiás.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade Universal 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18

Agentes Sociais do Turismo 1

Albergues 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95

Análise do Discurso (AD) 70, 71, 72, 74, 80

B

Bordas de Favelas 82

C

Candomblé 97, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Community-Based Tourism 19, 20

Cultura 5, 7, 8, 12, 19, 20, 22, 23, 24, 31, 36, 61, 69, 70, 71, 72, 73, 80, 81, 95, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 114, 118, 119

Cultural Tourism 70, 97

D

Desenvolvimento Sustentável 58

E

Encontrabilidade 5, 43, 45, 47, 49, 50, 57

Epistemologia 110

Eventos 5, 19, 35, 36, 51, 53, 66, 73, 83, 84, 95, 98, 102, 103, 104, 123

F

Foz do Iguaçu 43, 44, 45, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 122

H

Hospitalidade 5, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 110, 111, 114, 116, 117, 118, 119, 120

Hostels 82, 83, 94

J

Jogos Rio 2016 34, 36, 38, 39

L

Legados 34, 35, 36, 38, 39, 40, 42

M

Maricá 19, 20, 21, 23, 24, 26, 30, 31, 32

Marketing 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 55, 56, 57, 73, 74, 81, 99, 104, 107, 113, 116, 122, 123

Meio Ambiente 23, 27, 31, 36, 48, 58, 61, 63, 64, 68, 69

P

Propagandas 48, 70, 71, 75, 78, 79, 80, 81, 97, 98, 103, 105, 106, 107, 108

R

Religious Tourism 97

Rio de Janeiro 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 14, 20, 23, 31, 32, 34, 36, 37, 40, 42, 59, 63, 64, 69, 81, 82, 83, 84, 85, 93, 95, 96, 97, 100, 105, 109, 119, 122

S

Salvador 42, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Sociologia 18, 57, 110, 113, 122

Sustentabilidade 5, 6, 21, 22, 110, 116, 118, 119, 120, 121, 122

T

Turismo Cultural 70, 71, 73, 75, 81, 97, 102, 103, 107, 108

Turismo de Base Comunitária 19, 22, 23, 29, 30, 31, 32, 84, 85, 88, 93, 95

Turismo em Favelas 82, 83, 84, 85, 93, 94, 95

Turismo LGBT 1, 6, 7, 8

Turismo Religioso 77, 97, 102, 103, 104, 107, 108, 109

Turismo Rural 5, 19, 22, 23, 30, 32

Turismo Sustentável 58

U

Unidade de Conservação 58, 61, 65

V

Valores Olímpicos 34, 38, 41

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-573-0



9 788572 475730